

3. Duas biografias marcadas pelo sofrimento

No presente capítulo apresentaremos uma breve biografia de Viktor Emil Frankl, autor do livro *Homo Patiens*, e de João Paulo II, autor da Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, porque cada obra humana revela um pouco do seu autor, não somente as suas ideias e conceitos, mas revela também características ligadas à sua história de vida. Portanto, o nosso objetivo neste capítulo é compreender se as respostas apresentadas por ambos para, os problemas do sofrimento humano, são apenas elaborações e análises racionais e subjetivas, ou se a experiência de vida de cada um colaborou e forjou o seu pensamento de forma coerente e digna de ser seguido também pelos homens e mulheres contemporâneos.

As duas obras supracitadas serão apresentadas em caráter introdutório, visto que haverá um capítulo específico no qual ambas serão estudadas com maior atenção.

3.1. Vida e obra de Viktor Emil Frankl

O psiquiatra e filósofo Viktor Emil Frankl, nasceu em 26 de março de 1905, em Viena, importante centro da vida cultural e artística da Europa. Os seus pais, Gabriel Frankl e Elsa Lion, eram de origem judaica e originais de Praga. Frankl teve dois irmãos, Walter e Stella, sendo ele o filho mais novo do casal.

Embora tenha crescido num ambiente familiar saudável, que muito favoreceu o seu desenvolvimento humano e espiritual, não foi privado das consequências da Primeira Guerra Mundial e, como tantas famílias austríacas, a sua também passou por duras provações e necessidades.

Seu pai, a quem ele considerava um homem justo, chegou a ocupar o cargo de diretor no Ministério de Administração Social de Viena, realizando um reconhecido trabalho na área da educação, no campo político e cultural. Gabriel Frankl morreu de inanição no campo de concentração de Theresienstadt, durante a Segunda Guerra Mundial.

No entreguerras, embora não totalmente consciente das mudanças políticas e econômicas de “um mundo que, devastado pelo primeiro conflito mundial,

começava a descobrir com muita facilidade a corrida pelo poder, a luta de classes, a frustração de uma existência vazia de algum significado”⁷¹, o jovem Frankl começa a manifestar o seu interesse pela psicologia e a formar a sua própria visão sobre o homem e sobre a realidade.

Fui um aluno exemplar até os primeiros anos do ensino médio. Mas depois comecei a seguir meus próprios caminhos. Passei a frequentar a Universidade popular a fim de assistir a aulas sobre Psicologia Aplicada, mas também me interessava por Psicologia Experimental. [...].

Logo comecei a me corresponder com Sigmund Freud. Enviava-lhe material referente à minha abrangente leitura interdisciplinar e que supunha poder interessá-lo. Ele respondia prontamente a todas as cartas.⁷²

Em 1924 uma de suas cartas foi publicada no *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, a Revista Internacional de Psicanálise, por indicação do próprio Freud. Era a primeira contribuição de um jovem não psicanalista na referida revista. Aos poucos foi se distanciando do pensamento de Freud, por considerar reducionista a sua visão antropológica.⁷³ Para Frankl, o ser humano é movido, acima de tudo, pelo desejo de sentido, muito mais que pelo prazer. O fato de não encontrar na teoria de Freud esta característica distintiva do ser humano, fez com que ele se afastasse dessa linha psicológica.

Sua inquietação o conduziu, por incentivo dos professores Rudolf Allers e Oswald Schwarz,⁷⁴ aos círculos de psicologia individual, criados por Alfred Adler. Em 1925, Frankl começou a publicar artigos para a *Internationale Zeitschrift für Individualpsychologie*, a Revista Internacional de Psicologia Individual; em 1926, foi convidado para apresentar uma comunicação no Congresso Internacional de Psicologia Individual, em Düsseldorf, onde empregou pela primeira vez o termo Logoterapia,⁷⁵ que caracterizava o seu pensamento. Contudo, já eram evidentes as diferenças entre o seu modo de pensar o ser humano e a vida, daquela que era a

⁷¹ FIZZOTTI, Eugenio. *Logoterapia per tutti*. Guida teorico-pratica per chi cerca il senso della vita. Soveria mannelli: Rubbettino, 2002, p.13.

⁷² FRANKL, Viktor E. *O que não está escrito nos meus livros*. Memórias. São Paulo: É Realizações, 2010, p.51,52.

⁷³ Cf. FIZZOTTI. *Logoterapia per tutti*, p.14.

⁷⁴ Dois importantes psicólogos e estudiosos da Psicologia Individual. Ambos se afastaram do pensamento de Adler por não mais comungarem com sua visão antropológica.

⁷⁵ Cf. BATHYANY, Alexander. Viktor E. Frankl. Vida e obra. In: FRANKL, Viktor E.; LAPIDE, Pinchas. *A Busca de Deus e Questionamento Sobre o Sentido*. Petrópolis: Vozes, 2013, p.11.

teoria de Adler. Em 1927, Frankl chegou a editar e dirigir uma revista de psicologia individual, na qual já começava a expressar a sua particular visão antropológica. O próprio Alfred Adler, porém, o expulsou da sociedade acadêmica por considerar as suas opiniões pouco ortodoxas para a Psicologia Individual.⁷⁶

Os anos seguintes favoreceram o amadurecimento do seu próprio sistema e o desenvolvimento de práticas necessárias para comprovar a sua validade. Assim, ainda como estudante de medicina, Frankl proferiu centenas de palestras, publicou diversos artigos em revistas científicas, ministrou o primeiro curso sobre Higiene Psíquica na Universidade Popular de Viena e, com a permissão do professor Otto Pötzl⁷⁷, começou a trabalhar com psicoterapia, já de modo autônomo.⁷⁸

De fundamental importância nesse período, foi a criação dos centros de aconselhamento juvenil, com atendimento psicológico gratuito para os jovens austríacos, por causa dos crescentes casos de depressão e suicídio identificados entre eles. A esse projeto aderiram muitos psicólogos e pedagogos renomados. Em pouco tempo a experiência multiplicou-se para além das fronteiras de Viena. O número de suicídio entre os jovens estudantes austríacos reduziu consideravelmente, chegando a não registrar nenhum caso em 1930.

Mas, o que vem a ser a Logoterapia? Como o seu fundador a caracteriza?

Quero explicar por que tomei o termo “logoterapia” para designar minha teoria. O termo “logos” é uma palavra grega e significa “sentido”. A logoterapia, ou, como tem sido chamada por alguns autores, a “Terceira Escola Vienense de Psicoterapia”, concentra-se no sentido da existência humana, bem como na busca da pessoa por este sentido. Para a logoterapia, a busca de sentido na vida da pessoa é a principal força motivadora no ser humano. Por esta razão costumo falar de uma vontade de sentido, a contrastar com o princípio do prazer (ou, como também poderíamos chama-lo, a vontade de prazer) no qual repousa a psicanálise freudiana, e contrastando ainda com a vontade de poder, enfatizada pela psicologia adleriana através do uso do termo “busca de superioridade”.⁷⁹

Frankl formou-se em medicina no ano 1930 e passou a trabalhar na Clínica Psiquiátrica Universitária de Viena. Em 1933, trabalhou no hospital psiquiátrico Am Steinhof, no “Pavilhão dos Suicidas”, onde pode desenvolver “uma ampla visão

⁷⁶ Cf. FRANKL, Viktor E. *Logoterapia e Análise Existencial*. Textos de seis décadas. Rio de Janeiro: Editora Florence, 2014, p.261.

⁷⁷ Importante psiquiatra e neurologista austríaco. Dirigiu a Clínica de Neurologia e Psiquiatria da Universidade de Viena entre os anos 1928 a 1945.

⁷⁸ Cf. FRANKL. *O que não está escrito nos meus livros*, p.81.

⁷⁹ FRANKL, Viktor E. *Em Busca de Sentido*. São Leopoldo/RS: Sinodal, 1985, p.92.

diagnóstica sobre o tema por meio de uma casuística pessoal que chegou a 12.000 pacientes”.⁸⁰

Em 1936 especializou-se em neuropsiquiatria e abriu, em 1937, o seu próprio consultório. No ano seguinte Hitler invadiu a Áustria e Viktor Frankl, sendo judeu, foi obrigado a fechá-lo.

3.1.1. A experiência nos campos de concentração

Diante da ameaça de deportação dos judeus para campos de trabalhos forçados, Frankl tentou um visto para deixar o país, não conseguindo aceitou o cargo de diretor do Departamento de Neurologia do Rotchildspital, função que lhe protegeria, como a seus familiares, contra uma deportação imediata. A sua posição também lhe permitiu salvar diversas vidas de doentes mentais do plano de eutanásia organizado pelas autoridades nazistas. Para isso contava com o apoio de Otto Pözl através da falsificação dos diagnósticos; embora soubesse que tal atitude colocava em risco a sua própria segurança.⁸¹

Sobre a Viena judia pesa a penúria, a falta de esperança e o medo. Diante destas condições de vida – e em parte também sob a sombra da deportação que se aproxima – muitos judeus vienenses cometeram suicídio; algumas vezes chegava a cem o número de vítimas de tentativas de suicídio trazidas diariamente somente ao Hospital Rotschild. (...) Frankl se sentia – não apenas diante do pano de fundo de sua atividade anterior no aconselhamento de suicidas e de jovens e no acompanhamento de milhares de pacientes no pavilhão feminino de suicidas em Steinhof – intimado a ajudar, a curar e a salvar, enquanto pudesse.⁸²

Em 1942, após uma longa espera, finalmente recebeu o visto de entrada nos Estados Unidos mas, por ser individual, deixou que expirasse, decidido a não abandonar os seus pais.⁸³ Nesse período casou-se com Tilly Grosser, passados nove meses a família Frankl foi deportada para o gueto de Theresienstadt. Sua irmã Stella conseguiu imigrar para a Austrália; o seu irmão Walter, na tentativa de fuga foi

⁸⁰ PERERIRA, Ivo S. *A Ética Do Sentido Da Vida*. Fundamentos Filosóficos da Logoterapia. São Paulo: Ideias e Letras, 2013, p.16.

⁸¹ Cf. FRANKL. *O que não está escrito nos meus livros*, p.97.

⁸² BATHYANY, Alexander. Viktor Frankl. Vida e Obra. In: FRANKL, Viktor E. e LAPIDE, Pinchas. *A Busca de Deus e Questionamento Sobre o Sentido*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p.15-16.

⁸³ Cf. FRANKL. *O que não está escrito nos meus livros*, p.99-100.

levado para um campo secundário de Auschwitz, onde morreu; a sua mãe morreu em Auschwitz, na câmara de gás. Frankl foi deportado para outros três campos, Auschwitz, Kaufering III e Türkheim⁸⁴ e somente em 1945, após a sua libertação, soube da morte dos seus familiares.

Antes de ser deportado, Frankl já havia escrito a primeira versão do livro que representava a quintessência da sua teoria, *Psicoterapia e Sentido da Vida*, porém, em Auschwitz, o manuscrito que ele havia costurado no forro do seu casaco teve que ser abandonado.

A partir do momento em que alguém era levado para um campo de concentração, deixava de existir socialmente e perdia todos os seus direitos. Frankl, ao ser transferido para Auschwitz e de lá para mais dois campos, passou a ser apenas o prisioneiro 119.104, trabalhando em escavações e construção de ferrovias; era um prisioneiro comum, sem privilégios. Portanto, os seus relatos, além de serem testemunho pessoal, comprovam a sua teoria de que “a busca do indivíduo por um sentido é a motivação primária em sua vida”⁸⁵.

No livro *Em Busca de Sentido*, o autor apresenta um relato da reação psicológica do prisioneiro do campo de concentração, apesar do risco de excessiva subjetividade. O resultado revela a capacidade de autotranscendência do ser humano e a possibilidade de encontrar significado, ainda que em condições extremas. Mesmo padecendo, como todos os outros prisioneiros, a fome, a violência, o medo, a dor física, moral e psicológica, Frankl buscou comunicar aos seus companheiros de padecimento, a coragem de defender a própria dignidade, de permanecer humanos mesmo em condições sub-humanas, de encontrar um sentido pelo qual viver aquele sofrimento.

Aquilo que sucede interiormente com a pessoa, aquilo em que o campo de concentração parece “transformá-la”, revela ser o resultado de uma decisão interior. Em princípio, portanto, toda pessoa, mesmo sob aquelas circunstâncias, pode decidir de alguma maneira no que ela acabará sendo, em sentido espiritual: um típico prisioneiro de campo de concentração, ou então uma pessoa humana, que também ali permanece sendo ser humano e conserva a sua dignidade.⁸⁶

⁸⁴ A narração da sua experiência como prisioneiro está descrita em FRANKL, Viktor E. *Em Busca de Sentido*. Petrópolis: Vozes, 2004.

⁸⁵ FRANKL. *Em Busca de Sentido*, p.92.

⁸⁶ FRANKL. *Em Busca de Sentido*, p.67.

No campo de concentração em Türkheim, Frankl pegou febre tifoide e, para não sofrer um colapso vascular, mantinha-se acordado à noite estenografando o manuscrito perdido. Quando finalmente o livro pode ser publicado, essas anotações serviram para enriquecer e confirmar a sua teoria. Ou seja, “o capítulo extra sobre a psicologia dos campos de concentração foi elaborado *in loco*”.⁸⁷

A vida, segundo Frankl, jamais deixa de ter sentido. Mesmo quando somos impossibilitados de criar uma obra e, assim, vivenciar o valor de criação, ou quando já não podemos realizar valores de experiências, quando somos confrontados com o sofrimento, ainda assim podemos realizar algo que é unicamente humano, podemos transformar uma tragédia num triunfo pessoal, porque “quando não temos mais condições de mudar uma situação, então somos estimulados a mudar a nós mesmos”⁸⁸. Essa é a sua tese, comprovada não somente no contato com os seus pacientes, e nos vários testes desenvolvidos por diversos profissionais para corroborá-lo, mas comprovada pelo seu *experimentum crucis* nos campos nazistas.

3.1.2. O desenvolvimento da Logoterapia

A libertação chegou em 27 de abril de 1945, pouco tempo depois, ainda sob uma forte pressão da dramática experiência vivida dos últimos anos, escreveu em apenas nove dias o livro *Em Busca de Sentido*⁸⁹. Em fevereiro de 1946, assumiu a direção do Departamento de Neurologia do Policlínico de Viena, onde permaneceu por vinte e cinco anos. Em 18 de julho de 1947, casou-se com a enfermeira Eleonore Schwindt, com quem teve uma filha, Gabriella.

Convencido de que a psiquiatria e a neurologia não podem prescindir da filosofia, decidiu voltar a estudar e assim, em 1949, defendeu a sua tese de doutorado com o tema “Deus no Inconsciente”. A teoria proposta por Frankl sofreu influência de Kiekegaard, Heidegger, Jaspers e Scheler⁹⁰, mas ele vai além na construção do seu pensamento acerca do ser humano, porque parte do pressuposto

⁸⁷ FRANKL. *O que não está escrito*, p.116.

⁸⁸ FRANKL. *Um Sentido Para a Vida*, p.33.

⁸⁹ Esse livro tornou-se um best-seller mundial, traduzido para mais de trinta idiomas. Segundo *The New York Times* (edição de 20/11/1991), o livro *Em busca de sentido* é uma das dez obras mais influentes dos Estados Unidos.

⁹⁰ Cf. SANTOS, G. de Melo; BARBOSA, G. Germano; AQUINO, Thiago A. Avellar (Orgs.). *Logoterapia na Prática. Intervenções Clínicas Sob a Perspectiva da Análise Existencial de Viktor Frankl*. Campina Grande/PB: Eduepb, 2013, p.8.

que este é um ser espiritual-pessoal, capaz de autodeterminar-se e de orienta-se, principalmente, para o significado e para os valores; trata-se, portanto, de uma teoria que afirma a autotranscendência como pertencente à essência humana⁹¹.

A Logoterapia ou Psicoterapia do sentido da vida é a aplicação para fins terapêuticos da Análise Existencial, a teoria desenvolvida por Viktor Frankl, que compreende o ser humano como uma totalidade bio-psico-social-espiritual, livre e responsável. A ênfase na responsabilidade é um diferencial na psicoterapia, porque salienta “que o verdadeiro sentido da vida deve ser descoberto no mundo, e não dentro da pessoa humana ou de sua psique, como se fosse um sistema fechado”⁹².

Esta ênfase sobre a responsabilidade se reflete no imperativo categórico da logoterapia, que reza: “Viva como se já estivesse vivendo pela segunda vez, e como se na primeira vez você tivesse agido tão errado como está prestes a agir agora”. Parece-me que nada estimula tanto o senso de responsabilidade de uma pessoa como esta máxima, a qual a convida a imaginar primeiro que o presente é passado e, em segundo lugar, que o passado ainda pode ser alterado e corrigido. Semelhante preceito a confronto com a finitude da vida e com o caráter irrevogável (finality) daquilo que ela faz de sua vida e de si mesma.⁹³

Assim, ele posiciona-se contrário a todo tipo de pandeterminismo, ou seja, a todo pensamento que aprisiona a liberdade humana nas circunstâncias condicionantes. Enquanto várias escolas psicológicas consideram o ser humano como um ser condicionado pelo ambiente cultural, político, econômico ou pelos diversos fatores psíquicos, a Logoterapia de Viktor Frank evidencia a sua liberdade de escolha, independente das influências que possam querer condicioná-lo. O seu pensamento exalta a grandeza da liberdade humana, que não deve ser confundida com instinto, mas que é sempre “liberdade para”.

Nas palavras de Frankl também encontramos uma preocupação com as futuras gerações, no desafio de saber identificar os sinais do tempo presente e posicionar-se adequadamente diante deles. É bastante pertinente e atual a sua observação sobre a frustração e o vazio existencial que decorrem da falta de sentido da vida, e que ambos os sintomas estão diretamente ligados com o crescente aumento de violência, consumo de drogas e suicídio, sobretudo entre os jovens.⁹⁴

⁹¹ Cf. PETER, Ricardo. Viktor Frankl: a antropologia como Terapia. São Paulo: Paulus, 2012, p.12.

⁹² Cf. FRANKL. Em Busca de Sentido, p.76.

⁹³ Ibidem.

⁹⁴ Cf. FRANKL, Viktor E. *O sofrimento de uma vida sem sentido*. Caminhos para encontrar a razão de viver. São Paulo: É realizações, 2015, p.108.

Em 1950 a Logoterapia entrou para a comunidade científica internacional e passou a ser denominada como “Terceira escola vienense”, depois de Freud e Adler. Em 1961, Frankl viajou pela primeira vez para os Estados Unidos, onde proferiu diversas palestras. Segundo dados do Instituto Viktor Frankl, nosso autor foi professor visitante em Harvard, San Diego e Pittsburg. A Universidade Internacional dos Estados Unidos, na Califórnia, criou, especialmente para Frankl, um Instituto e um cátedra em Logoterapia. 209 universidades, dos cinco continentes, o convidaram para ministrar palestras e aulas sobre o tema da Logoterapia, em reconhecimento dos benefícios dessa teoria para o desenvolvimento humano, psíquico e espiritual do ser humano⁹⁵.

Frankl recebeu vinte e nove títulos de *doctor honoris causa* em universidades de diversos países do mundo, além de dezenove comendas científicas. Inúmeros estudos científicos têm examinado e comprovado os fundamentos, os conceitos e a eficiência da sua teoria.

Em 1984, Frankl esteve no Brasil para presidir o I Encontro Latino-Americano Humanístico-Existencial, que aconteceu na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Este encontro marcou o início da Sociedade Latino-Americana de Logoterapia. Em 1985 voltou ao Brasil para um Encontro de Logoterapia, em Brasília, e em 1986 presidiu um Congresso Brasileiro de Logoterapia, no Rio de Janeiro. Desde então, tem crescido o interesse pela abordagem logoterápica em todo o país, com a promoção de congressos, seminários, cursos de pós-graduação *latu sensu*, cursos de aprofundamento e grupos de estudo. A aplicação das técnicas logoterápicas não se restringem ao campo da psicologia, mas têm alcançado diferentes áreas, desde a educação⁹⁶ até a administração⁹⁷.

No Brasil, a Universidade Federal da Paraíba foi a primeira instituição a incluir a Logoterapia como uma opção de ênfase na conclusão do curso de Psicologia. Além dela, outras instituições brasileiras já oferecem cursos de

⁹⁵ Cf. <http://www.viktorfrankl.org/e/lifeandwork.html>.

⁹⁶ Cf. AQUINO, Thiago de Avellar. *Sentido da vida e valores no contexto da educação*. Uma proposta de intervenção à luz do pensamento de Viktor Frankl. São Paulo: Paulinas, 2015; MIGUES, Eloisa Marques. *Educação em busca de Sentido*. Pedagogia inspirada em Viktor Frankl. São Paulo: Paulus, 2015.

⁹⁷ Diversos artigos e livros publicados sobre temas como Logoterapia organizacional, Coaching logoterápico e Sentido do trabalho em logoterapia, podem ser encontrados em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/le>; <http://www.agirtres.com.br/>; <http://iecvf.blogspot.com.br/>.

especialização em Logoterapia, e em muitas cidades multiplicam-se os grupos de estudo e aprofundamento em Logoterapia e Análise Existencial. Outro dado importante é o crescente número de publicações a partir da abordagem frankliana em periódicos nacionais: uma pesquisa submetida à revisão paritária, feita no Portal de Periódicos CAPES/MEC⁹⁸ revela um total de 111 publicações, sendo 54 entre 2012 a junho de 2017, o que indica a relevância e atualidade do tema para profissionais, estudantes e pesquisadores brasileiros.

Em outubro de 1996, Frankl proferiu a sua última palestra em Viena, aos 91 anos de idade. Faleceu no dia 02 de setembro de 1997 de falência cardíaca. Deixou 39 livros escritos, que já foram traduzidos para mais de 30 idiomas, e um exemplo de vida que ultrapassa as fronteiras da nacionalidade, da religião, do idioma e da abordagem acadêmica.

3.1.3. Apresentação do livro *Homo Patiens*

O livro de Viktor Frankl, *Homo Patiens*, uma das obras que tomaremos como objeto material da nossa pesquisa, veio à luz, originalmente, em 1950, sendo o sexto livro publicado pelo autor. O texto original foi escrito em língua alemã, com o título *Homo Patiens. Versuch einer Pathodizee* (Homo Patiens. Projeto de uma Patodicéia), e foi organizado por Frankl após uma série de palestras e aulas, por ele ministradas, sobre a problemática do sofrimento humano segundo a visão da Logoterapia e Análise Existencial. Posteriormente, em 1972, Frankl lançou o livro *Anthropologische Grundlagen der Psychotherapie* (Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia), uma obra composta pela unificação de dois livros anteriores, *O Homem incondicionado* e *Homo Patiens*.

Embora continue sendo publicado individualmente em diversos idiomas, o livro *Homo Patiens* foi traduzido para o português somente dentro de *Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia*⁹⁹. Utilizaremos, portanto, para a nossa pesquisa, a tradução brasileira. Para especificar o nosso objeto material que está contido nas páginas 183 a 283 de *Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia*, as citações

⁹⁸ Cf. <http://www.periodicos.capes.gov.br/>. Acesso 17/03/2017

⁹⁹ FRANKL, Viktor E. *Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. Atualmente o livro encontra-se esgotado.

serão indicadas como *Homo Patiens*. Nesta obra Frankl apresenta uma análise madura do seu pensamento sobre sofrimento e sobre a relação do ser humano que sofre, com ele mesmo, com o mundo e com Deus.

O livro *Homo Patiens* é dividido em três partes: na primeira, Frankl apresenta uma crítica ao psicologismo e ao sociologismo, expondo a fragilidade e o reducionismo antropológico de algumas teorias que absolutizam os elementos psicológicos e sociais, ao ponto de reduzir ou negar a liberdade do ser humano; a segunda parte é reservada à interpretação metaclínica do sofrimento e à visão antropológica da Logoterapia; a terceira parte é dedicada à autotranscendência como caminho seguro contra as tendências condicionantes e via necessária para encontrar sentido no sofrimento.

Na sua crítica ao niilismo antropológico, assim se expressa:

Estas três modalidades de niilismo – fisiologismo, psicologismo e sociologismo – não conseguem captar o sentido: em sua concepção do mundo cada uma se restringe a uma camada da existência – física, psíquica ou social – deixando de lado precisamente o tipo de existência em que se pode aparecer algo como intencionalidade, ou seja, a existência espiritual. Somente quando ela é levada em conta na sua aspiração essencial ao sentido e ao valor, é que se estabelecem condições para que venha a se manifestar o sentido da realidade e se tornar evidente o sentido da vida.¹⁰⁰

É importante compreendermos que a sua crítica não é dirigida à fisiologia, nem à Psicologia ou à Sociologia, mas à absolutização de qualquer posição que reduza ou exclua as outras dimensões do humano, sobretudo a dimensão espiritual, sem a qual não é possível falar de humanidade. Talvez, a grandeza da sua teoria esteja no reconhecimento desta liberdade incondicionada, visto que, mesmo nas condições mais adversas, há sempre a margem da decisão da liberdade, da possibilidade de dotar de sentido as próprias escolhas, a partir do momento em que descobre que a vida tem sentido, apesar de tudo. Reconhecer que o ser humano tem em si essa capacidade de decidir-se e posicionar-se é, ao mesmo tempo, uma declaração de reconhecimento da sua responsabilidade perante à vida.

Frankl observa uma fragilidade epocal a qual denomina “patologia do espírito do tempo”, que está intimamente relacionada à perda de consciência da própria responsabilidade e da adesão positiva a ela¹⁰¹. Isso ocorre quando, atraído

¹⁰⁰ FRANKL. *Homo Patiens*, p.188.

¹⁰¹ Cf. *Ibidem*, p.224-230.

por outros valores, o ser humano se empenha apenas em adquirir conhecimento, sem a consciência da sua responsabilidade perante o conhecimento que tem em suas mãos.

Na segunda parte do livro, além de apresentar os fundamentos antropológicos da sua teoria, Frankl explica que a Logoterapia e a Análise Existencial, superando os niilismos, introduzem na psicoterapia a categoria do valor e do sentido. Mas é necessário compreender que o sentido jamais pode ser dado, apenas encontrado ou, interpretado.

Que o sentido existe, isso é um *absolutum* no pensamento frankliano, assim podemos afirmar que encontrar o sentido é responder à pergunta que somente em primeira pessoa pode ser respondida, e esta é a missão pessoal de cada um. Nesse caso, o imperativo “torna-te aquilo que és” adquire um significado mais profundo em virtude da unicidade da pessoa humana, porque não diz somente para a pessoa se tornar o que pode ou o que deve ser, mas que deve se tornar ela mesma, aquilo que unicamente ela pode e deve ser.¹⁰²

Se bem compreendida, a Logoterapia é uma escola de vida, porque educa o ser humano a ser responsável pelas suas escolhas, a não agir arbitrariamente como se não houvesse o amanhã ou como se as suas ações não produzissem consequências na sua própria vida e na vida de outros. Portanto, educar para o sentido é, antes de tudo, educar para os valores.

Frankl constata que há mais ou menos três séculos, o ser humano aprisionou a verdade e escondeu-se atrás da *actio* e da *ratio*, como dois ídolos, na ilusão de poder eliminar o sofrimento do mundo, esquecendo-se que a vida humana é também *passio*¹⁰³. Por isso, aquele que não afronta o próprio sofrimento e “não toma a sua cruz de cada dia”¹⁰⁴, não consegue realizar o sentido da sua vida, porque nega aquela sua parte frágil ou até mesmo vergonhosa, mas que lhe possibilita transcender. Contudo,

o sofrimento, para ter finalidade, não pode bastar-se a si mesmo. Do contrário, tornar-se-á masoquismo. Sofrimento significativo equivale a “amor por”. Aceitando-o não só o fazemos alvo de uma intenção, mas visamos através dele algo que não é idêntico a ele. Transcendemos, assim, o sofrimento.

¹⁰² Cf. FRANKL. *Homo Patiens*, p.232.

¹⁰³ Cf. *Ibidem*, p.243.

¹⁰⁴ Cf. *Ibidem*, p.267.

O sofrimento pleno de sentido vai além de si mesmo, reporta-se a algo “pelo que sofreremos”. Em síntese, sofrimento dotado de sentido é pura e simplesmente sacrifício.¹⁰⁵

Na terceira parte do livro *Homo Patiens*, de forma consciente, Frankl ultrapassa a fronteira da ciência e toca em questões teológicas, deixando claro que tais temas não fazem parte da Logoterapia, para a qual a religião é apenas um objeto. Porém, sendo a Logoterapia “precisamente um tratamento orientado no rumo do sentido há de se ocupar do fenômeno da fé”¹⁰⁶. Mais do que convicções pessoais, aqui o nosso autor expõe aquilo que, na sua experiência como neuropsiquiatra, filósofo, professor, psicoterapeuta e como sobrevivente em quatro campos de concentração, reconhece como um fenômeno humano.

Tendo como ponto de partida a crítica às diversas teorias que tendem a isolar e a absolutizar um único aspecto do ser, Frankl reafirma a necessidade da superação do niilismo para se chegar à aceitação da existência humana. Da mesma forma ele critica as visões antropológicas que consideram o ser humano como origem, medida e fim de tudo, porque aprisionando o ser humano em si mesmo, estaremos negando a sua liberdade e fechando-lhe a porta à transcendência.¹⁰⁷

Dessa forma o livro toca no problema do sentido do sofrimento que, assim como o ser humano, só pode ser compreendido do ponto de vista da transcendência. Nosso autor se vê autorizado a falar sobre o problema da teodiceia, porque o psicoterapeuta, assim como o psicanalista, constantemente se vê confrontado com problemáticas de cunho religioso. Ele não nega o inconsciente instintivo freudiano, mas confirma a existência do inconsciente espiritual e, nesse caso, a Logoterapia tem um papel importante de revelar a falácia de todos os argumentos contrários.

É partindo da ideia da existência de um suprasentido que Frankl introduz a questão sobre o sentido do sofrimento, a resposta deve ser dada por cada pessoa que experimenta um sofrimento necessário ou inevitável. Assim,

com a indagação do sentido do sofrimento acontece o mesmo que com o sentido da vida. Se quisermos solucionar o problema, teremos de lhe dar uma guinada copernicana, tomando consciência de que nos cabe responder e não perguntar. A vida mesma é uma pergunta à qual temos condições de responder, de responder assumindo a responsabilidade da nossa existência.

¹⁰⁵ FRANKL. *Homo Patiens*, p.243-244.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p.257.

¹⁰⁷ Cf. *Ibidem*, p.260-261.

E quanto à questão do sentido do sofrimento? Exatamente o mesmo. Deste lado da crença num supersentido, quem perguntar pelo sentido do sofrimento, estará passando por cima do fato de que o próprio sofrimento é uma pergunta, que somos de novo nós os interrogados, que o homem que sofre, *Homo patiens*, é o interrogado. Não lhe cabe perguntar, e sim responder à pergunta representada pelo sofrimento. terá de sair vitorioso da prova, realizar o sofrimento.¹⁰⁸

Em outras palavras, é o modo como vivemos que revela o sentido da vida e o modo como sofremos a responder à questão sobre o sentido do sofrimento. Esta será uma resposta coerente, a única coerente, porque significa não ser expectadores da própria vida, mas tomá-la livremente e responsabilmente como uma missão.

3.2. Vida e obra de João Paulo II

O ano de 1920 é particularmente importante para o povo polonês, por causa da vitória sobre o Exército Vermelho, conhecida como o milagre do Vístula. Após dois longos anos de combate, o país finalmente conquista a independência. É nesse contexto de luta pela liberdade e de esperança, diante de um novo futuro, que nasce, no dia 18 de maio de 1920, em Wadowice, Karol Jósef Wojtyla, filho de Karol Wojtyla e Emilia Kaczorowska. O pai era um oficial do 56º regimento de infantaria do exército austro-húngaro e, como muitos dos seus co-nacionais, passa para o exército polonês após a independência do País, onde servirá como tenente até 1927. Em seu livro *Dom e Mistério*¹⁰⁹ João Paulo II o recordará como um homem de vida austera e profundamente religioso.

A vida de Karol Wojtyla foi, desde o início, particularmente tocada pelo mistério do sofrimento: antes de completar nove anos de idade, perdeu a sua mãe, que faleceu de miocardite e nefrite, três anos depois, perdeu também o seu irmão mais velho, Edmund.

Numa entrevista ao jornalista André Frossard, João Paulo II recorda este fato:

Meu irmão Edmundo morreu de uma epidemia virulenta de escarlatina, no hospital em que fazia a sua iniciação médica. Hoje, os antibióticos o teriam salvo. Eu tinha doze anos. A morte da minha mãe se inscreveu profundamente em minha memória, e mais ainda talvez a de meu irmão, por causa das circunstancias dramáticas em que

¹⁰⁸ FRANKL. *Homo Patiens*. p.128.

¹⁰⁹ Cf. JOÃO PAULO II. *Dom e Mistério*. Por ocasião do 50º aniversário da minha ordenação sacerdotal. São Paulo: Paulinas, 1996, p.29-30.

sobreveio, e porque eu estava mais amadurecido. Assim, tornei-me relativamente cedo órfão de mãe e de meu irmão único.¹¹⁰

Ao estudarmos a história de João Paulo II percebemos que a partir da morte da sua mãe, abre-se uma espécie de itinerário que ele trilhará durante toda a sua vida, um itinerário de sofrimento e esperança.

Um fato muito importante na sua história é a mudança ocorrida brutalmente em 1º de setembro de 1939, com a invasão alemã na Polônia, seguida em poucos dias pela invasão soviética. Era o início da II Guerra Mundial. Começava, então, um período cheio de incertezas e de grandes desafios: escassez de alimento e de carvão, violência, medo, ameaça de deportação para os campos de trabalho forçado. O plano alemão em relação à Polônia era erradicar a sua vida intelectual e religiosa, para insuflar-lhe os costumes alemães, apagando, assim, a sua cultura e a lembrança da sua existência.¹¹¹

Por necessidades econômicas, Karol Wojtyla começou a trabalhar como entregador em um restaurante, porém esse trabalho não o poupava da deportação para os campos de trabalho forçado. “A única forma de escapar do Reich seria possuindo o *Ausweis*, um salvo-conduto fornecido pelas autoridades alemãs aos trabalhadores ‘socialmente úteis’”¹¹². Assim, o jovem Wojtyla, como vários estudantes universitários, foi contratado pela indústria química Solvay, para trabalhar numa pedreira; sendo depois transferido para a estação de purificação de água da usina química.

Em fevereiro de 1941, em meio aos horrores da guerra e à dureza da vida operária, ao retornar para casa, o jovem Wojtyla encontrou o seu pai morto. Foi mais uma vez mergulhado no mistério do sofrimento e, como alguém que não vive na superficialidade dos acontecimentos, diante da nova realidade, fez uma releitura da própria vida, buscando o sentido profundo da sua existência.

¹¹⁰ FROSSARD, André. *Não tenham medo!* Em diálogo com João Paulo II. Rio de Janeiro: Agir, 1983, p.17.

¹¹¹ Os pormenores desse período na história polonesa e na vida de Karol Wojtyla estão descritos em diversas biografias sobre a sua vida, dentre as quais, acerca desse período, recomendo SZULC, Tad. *João Paulo II*. Biografia. Rio de Janeiro: Francisco Alves S.A., 1995, p.91-125, além de LACOMTE, Bernard. *João Paulo II*. Biografia. Rio de Janeiro – São Paulo: Record, 2005, p.67-117.

¹¹² ODER, Slawomir e GAETA, Serverio. *Santo*. A vida e a fé de João Paulo II. Rio de Janeiro: Sextante, 2011, p.27.

Depois da morte de meu pai, em fevereiro de 1941, tomei consciência a pouco e pouco da minha verdadeira via. Trabalhava na usina, entregava-me, enquanto o terror da ocupação o permitia, ao meu gosto pelas letras e pela arte dramática. Minha vocação sacerdotal tomou corpo em meio a tudo isto, como um fato interior, de uma transparência absoluta e indiscutível. No ano seguinte, outono, sabia que era chamado. Via claramente o que me cumpria deixar, e o fim que devia atingir, “sem olhar para trás”. Seria padre.¹¹³

A descoberta da vocação comportou um processo de desapego dos seus antigos projetos quanto ao futuro, pois suas grandes paixões eram a literatura e o teatro. Contudo, não se tratava de um processo negativo, ao contrário, era como uma iluminação interior que gerava alegria e certeza do chamado divino e a disposição para corresponder.¹¹⁴

Wojtyła viu muitos dos seus amigos enfrentarem os invasores com a resistência armada e morrerem em combate, outros foram levados para os campos de trabalho forçado, dos quais alguns nunca retornariam. Recusou-se a participar da resistência armada, a sua arma seria a palavra, que se expressava, sobretudo, por meio do teatro rapsódico. A atividade teatral “situava-se no tecido moral e associativo da Unia¹¹⁵, para onde tinham confluído muitos jovens católicos na perspectiva de conservar os valores cristãos na vida pública”¹¹⁶, e de manter viva a riqueza da cultura polonesa.

Podemos compreender, através do seu testemunho, como o ambiente religioso que lhe circundava foi um fundamento seguro para a sua fé, não apenas nos anos difíceis da ocupação nazista e comunista, mas para toda a sua vida. Na sua espiritualidade, a devoção mariana ocupava um lugar especial. Como Papa, manteve o mesmo lema que havia escolhido no seu episcopado, *Totus Tuus*. Este lema foi inspirado na fórmula que tomou de São Luiz Grignon de Monfort, ao compreender “que a verdadeira devoção à Mãe de Deus é cristocêntrica, aliás é radicada muito profundamente no mistério trinitário de Deus, e nos refere à Encarnação e à Redenção”¹¹⁷. A espiritualidade mariana foi uma das marcas do seu pontificado, chegando a promulgar uma Encíclica e uma Carta Apostólica sobre a

¹¹³ FROSSARD. *Não tenham medo!* p. 19. Sobre a maturação da sua vocação e o período de formação clandestina no Seminário de Cracóvia, cf. JOÃO PAULO II. *Dom e Mistério*, p.21-32.

¹¹⁴ Cf. JOÃO PAULO II. *Dom e Mistério*, p.44.

¹¹⁵ A Unia era um movimento cultural com ações sociais, que surgiu para a resistência ao regime alemão.

¹¹⁶ RICCARDI, Andrea. *João Paulo II. A Biografia*. São Paulo: Paulus, 2011. p.63.

¹¹⁷ JOÃO PAULO II. *Cruzando o Limiar da Esperança*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994, p.195.

Mãe de Deus, além de instituir mais um mistério da vida de Cristo a ser contemplado na oração do Rosário.

3.2.1. O caminho de configuração a Cristo

Karol Wojtyla foi ordenado em 1º de novembro de 1946 e logo partiu para Roma. Em junho de 1948 obteve o seu primeiro doutorado, em teologia, com a tese sobre A doutrina da Fé em São João da Cruz. De volta à sua pátria, assumiu a função de Vigário em Niegowic, uma paróquia rural. Ali chegando, beijou a terra, um gesto que se tornou característico em cada viagem que fazia no início do seu pontificado. Um ano depois, foi designado para a pastoral universitária de Cracóvia, onde desenvolveu uma intensa atividade pastoral com jovens leigos. Em 1953, obteve o seu segundo doutorado, em filosofia, com a tese sobre a ética de Max Scheler. Em 1954, foi nomeado como professor adjunto na importante Universidade de Lublin, passando a ser titular de ética em 1956.

O padre Wojtyla também foi capelão do serviço de saúde, missão que desempenhou com vivo interesse, não somente realizando conferências e debates com médicos e cientistas, mas convidando-os regularmente para sessões teológicas ou colóquios sobre a Igreja. Como bispo e como papa continuou este hábito de diálogo com o mundo científico.¹¹⁸

A característica que talvez melhor o definia era a de homem de oração. A sua convicção de que o sacerdote deve dedicar tempo para crescer na amizade com Deus, tendo em vista a missão que lhe é confiada, ainda transparece nas suas palavras, cinquenta anos depois da sua ordenação:

Na minha já longa experiência, entre tantas situações diversas, pude ver confirmada a convicção de que somente do solo da santidade sacerdotal é que pode crescer uma pastoral eficaz, uma verdadeira “*cura aniarum*”. O verdadeiro segredo dos sucessos pastorais autênticos não se encontra nos meios materiais e, menos ainda, nos “meios ricos”. Os frutos duradouros dos esforços pastorais nascem da santidade do sacerdote. Este é o fundamento!

Hoje, uma indiscutível prioridade é a atenção preferencial pelos pobres, os marginalizados, os imigrados, os imigrantes. Para eles o sacerdote deve ser realmente um “pai”. Com certeza são também indispensáveis os meios materiais que a tecnologia moderna nos oferece. Mas o segredo permanece sempre a santidade de

¹¹⁸ LECOMTE. *João Paulo II*. Biografia. Rio de Janeiro: Record, 2005, p.171.

vida do sacerdote, que se exprime na oração e na meditação, no espírito de sacrifício e no ardor missionário.¹¹⁹

Foi feito bispo em 04 de julho de 1958 pelo papa Pio XII, em 30 de dezembro de 1962 foi nomeado arcebispo metropolitano de Cracóvia, e em 28 de junho de 1967 foi feito cardeal pelo papa Paulo VI. Participou das quatro sessões do Concílio Vaticano II, empenhando-se para pô-lo em prática na sua diocese, a única na Polônia a realizar um sínodo pastoral diocesano, que foi preparado durante sete anos, de 1972 a 1979, por comissões compostas sobretudo por leigos. Desse intenso trabalho foi publicado um manual sobre a aplicação do Concílio Vaticano II, um livro prefaciado pela teóloga Halina Bortnowska e que servia de “guia para ajudar os grupos de leigos mobilizados em todas as paróquias a traduzir as decisões do Vaticano II na vida cotidiana”¹²⁰. Sabia da importância de refletir sobre a identidade cristã no mundo contemporâneo, de saber discernir os sinais dos tempos, evitando, assim, compreensões erradas da doutrina e do espírito do Concílio.

Karol Wojtyła viveu o ministério presbiteral e o episcopal numa Polônia ocupada e provada por muitos sofrimentos, dos quais ele não se eximiu e até se expôs para defender os mais fracos, porque sabia que era necessário dar esperança ao povo oprimido e ajudá-lo a, diante daqueles acontecimentos dramáticos, reler a própria história e a história da nação à luz do Evangelho.

Foi um bispo incansável na defesa dos direitos humanos, negados ou negligenciados pelas ideologias totalitárias, que não consideravam o ser humano enquanto pessoa, mas como uma peça na engrenagem da máquina social. Por isso, apoiou a luta dos operários de Nowa Huta, que desafiaram o governo pelo direito à liberdade religiosa, e pelo seu direito de construir uma igreja, naquela que deveria ser uma cidade sem Deus. A sua presença encorajava os cristãos a não se conformarem com as imposições do ateísmo.

Durante a missa de bênção da pedra fundamental da Igreja de Nowa Huta, o bispo Wojtyła refletiu sobre o vínculo de unidade da Igreja, representada pela pedra doada por Paulo VI. Embora nunca se envolvesse diretamente com política, naquela homilia, questionou o regime comunista acerca da sua legitimidade histórica e proclamou, diante de todos, a força indestrutível da Igreja, Corpo de Cristo¹²¹. A

¹¹⁹ JOÃO PAULO II. *Dom e Mistério*, p.103-104.

¹²⁰ LECOMTE. *João Paulo II*. Biografia, p.247.

¹²¹ Cf. LECOMTE. *João Paulo II*. Biografia, p.221-222.

partir de então, sua luta pelo respeito aos direitos fundamentais do ser humano fará dele um dos maiores protagonistas na queda do sistema comunista na Europa.

Como bispo, ampliou o programa das visitas pastorais e dedicou-se com afinco na missão de pastoreio do povo de Deus a ele confiado, especialmente os doentes. Ele relata como, aos poucos, foi vencendo a aversão que sentia, e como foi experimentando a compaixão diante dos que sofriam dores físicas e espirituais¹²². A partir dessa experiência, institui em Cracóvia o Dia do Doente, atividade que será estendida posteriormente para toda a Igreja¹²³, com a intenção de sensibilizar a todos, operadores sanitários e pastorais, à necessidade de um cuidado especial com os enfermos, vendo no rosto deles a face de Cristo.

3.2.2. Um papa provado pela dor

Wojtyla foi eleito papa em 16 de outubro de 1978 e escolheu o nome de João Paulo II, evidenciando, assim, o objetivo de dar continuidade à obra iniciada pelos seus antecessores. A consciência de estar a serviço desta “grandíssima causa” está expressa no seu testamento:

Estando no limiar do terceiro milénio "*in medio Ecclesiae*", desejo mais uma vez expressar *gratidão ao Espírito Santo* pelo *grande dom do Concílio Vaticano II*, ao qual juntamente com toda a Igreja e sobretudo com todo o episcopado me sinto devedor. Estou convencido de que ainda será concedido às novas gerações haurir das riquezas que este Concílio do Século XX nos concedeu. Como bispo participante no acontecimento conciliar do primeiro ao último dia, desejo confiar este grande património a todos os que são e serão no futuro chamados a realizá-lo.¹²⁴

Se olharmos os números que marcam o pontificado de João Paulo II, vemos um homem realmente incansável na sua missão: realizou 101 viagens fora da Itália, tendo visitado 129 países diferentes; publicou 14 Encíclicas, 15 Exortações apostólicas, 11 Constituições Apostólicas e 45 Cartas Apostólicas; proclamou 1338 novos beatos e 482 novos santos; nomeou 231 Cardeais; presidiu 15 assembleias

¹²² Cf. JOÃO PAULO II. *Levantai-vos! Vamos!*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004, p.85.

¹²³ Cf. Carta de João Paulo II ao Cardeal Fiorenzo Angelini, Disponível em: <<http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/letters/1992/documents/hf_jp-ii LET_13051992_world-day-sick.html>>. Acessado: 02/04/2017.

¹²⁴ JOÃO PAULO II. Testamento. Parte acrescentada em março de 2000, 4. Disponível em: <<http://www.vatican.va/gpII/documents/testamento-jp-ii_20050407_po.html>>. Acessado em 02/03/2017.

de Sínodo dos Bispos. Também lançou 5 livros: *Cruzando o Limiar da Esperança* (1994), *Dom e Mistério* (1996), *Tríptico Romano* (2003), *Levantai-vos! Vamos!* (2004) e *Memória e Identidade* (2005). Mas, outra grande marca do seu pontificado talvez seja a do sofrimento.

João Paulo II fez-se presente pela palavra e pela oração nas mais diversas situações de sofrimento do mundo, e fez-se próximo dos mais fracos, dos doentes e sofredores; fez-se porta-voz deles porque compartilhava com eles da mesma condição. Assim, em 1980, por exemplo, visitando Burkina Faso, um dos países mais pobres da África, declarou:

Eu, João Paulo II, Bispo de Roma e Sucessor de Pedro, elevo a minha voz suplicante porque não posso ficar em silêncio quando os meus irmãos e as minhas irmãs são ameaçados. Faço-me aqui a voz dos que não têm voz, a voz dos inocentes mortos porque não tinham água nem pão; a voz dos pais e das mães que viram morrer os seus filhos sem compreender, ou que verão sempre nos seus filhos as consequências da fome que sofreram; a voz das gerações futuras que já não devem viver com esta ameaça terrível que pesa sobre as suas vidas. Lanço um apelo a todos!¹²⁵

Em de 13 de maio de 1981 sofreu um atentado¹²⁶ e, por causa das múltiplas lesões decorrentes deste e pela grave infecção do citomegalovírus inoculado em uma transfusão de sangue, foi duramente provado em relação à sua saúde. Diríamos que ele começou a trilhar um caminho novo, o caminho do Calvário.

Restabelecido desta prova, passou mais de dez anos em boa saúde. Porém, em 1992 recomeçou a provação da doença e da dor: em julho de 1992 fez uma cirurgia para extração de um tumor no intestino; em novembro de 1993 caiu e fraturou o ombro; no ano seguinte, em abril, quebrou o fêmur; em outubro de 1996 fez uma operação de apendicite. Aos poucos, desapareceu a imagem do esportista, dando lugar à imagem de um ancião cansado, apoiado em uma bengala, com expressão de dor. Diante da nova realidade que se lhe apresentava, procurou, pela fé, encontrar um sentido para o seu sofrimento, como expressou no *Angelus* de 29 de maio de 1994: “Entendi que devo conduzir a Igreja de Cristo neste terceiro milênio através da oração, com diversas iniciativas, mas eu compreendi que não

¹²⁵ João Paulo II. Visita a Burkina Faso. Disponível em: <<http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1980/documents/hf_jp-ii_hom_19800510_ouagadougou-africa.html>>. Acessado em 02/04/2017.

¹²⁶ Ao todo foram ao menos quinze tentativas de atentado à vida de João Paulo II, ao longo do seu pontificado. Cf. RICCARDI. *João Paulo II. A Biografia*, p.222.

basta: era necessário introduzi-la com o sofrimento, com o atentado de treze anos atrás e com este novo sacrifício”.¹²⁷

O mundo inteiro acompanhou o seu declinar físico, mas precisou reconhecer que, apesar da sua fraqueza física, ele era, conforme definiu Politi, um dos últimos “arautos de visões amplas ou de princípios, independentemente de sua causa ou ideologia”¹²⁸. Muitas vezes foi uma voz solitária a defender a dignidade dos mais fracos, a exortar as grandes potências mundiais a comprometerem-se com os países mergulhados na miséria. Foi um homem do seu tempo que, conhecendo o sofrimento causado pela guerra e pela luta desenfreada pelo poder, não temeu em denunciar os culpados e implorar pela paz.

De repente, num palco mundial dominado por profundas divisões econômicas, nacionais e religiosas, o Papa se destaca como o único porta-voz universal de valores universais. Ele oferece um evangelho de salvação e de esperança diante dos novos ídolos – egoísmo tribal, nacionalismo exacerbado, fundamentalismo ferozmente sectário e violento, lucro sem preocupação com a qualidade da vida humana”.¹²⁹

Ao longo de todo o seu pontificado sofreu críticas ásperas, sendo muitas vezes incompreendido no seu empenho pela unidade, pela paz e pela defesa da vida. “Houve quem declarasse que aquele velho homem já não interessava mais a ninguém e que a sua mensagem já havia sido superada havia tempo”¹³⁰. Porém, a multidão que encheu as ruas de Roma entre os dias 02 a 08 de abril de 2005 para o seu funeral, na sua maioria formada por jovens, foi uma resposta de que a sua mensagem não caiu no vazio.

O seu testemunho de fé e esperança revelou que o seu brado, no início do seu pontificado: “Não, não tenhais medo! Antes, procurai abrir, melhor, escancarar as portas a Cristo”, ia além da dimensão política e social, mas tocava também a dimensão do sofrimento humano.

Ele acreditava na força do Evangelho, que não apresenta um caminho fácil, e que fala de perseguição e cruz para quantos o seguirem, mas lhes garante a vida

¹²⁷ João Paulo II. Disponível em: <<http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/angelus/1994/documents/hf_jp-ii_ang_19940529.html>>. Acessado em 02/04/2017.

¹²⁸ BERNSTEIN, Carl e POLITI, Marco. *Sua Santidade*. João Paulo II e a História oculta de nosso tempo. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996, p.541.

¹²⁹ Ibidem.

¹³⁰ RATZINGER, Joseph. *João Paulo II*. Vinte anos na história. São Paulo: Paulinas, 2000, p.20.

plena¹³¹. A coragem de João Paulo II em não esconder os seus sofrimentos foi um importante serviço que ele prestou aos homens e mulheres deste tempo, ensinando-lhes que a dignidade humana ultrapassa a eficiência e a funcionalidade, porque está inserida no seu ser imagem e semelhança de Deus.

3.2.3. A Carta Apostólica *Salvifici Doloris*.

A Carta Apostólica *Salvifici Doloris* está inserida no contexto do Jubileu Extraordinário da Redenção, e dedica especial atenção ao tema do sofrimento, com ênfase no mistério da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo. A Bula de proclamação do Jubileu revela a intenção de João Paulo II em enfatizar aquilo que significou o ápice da obra redentora de Cristo, por meio do qual “tudo está consumado”¹³². Este deve ser o ponto de partida para compreender a *Salvifici Doloris*.

Já na Encíclica inaugural do seu pontificado, *Redemptor Hominis*, João Paulo II havia escrito que a Encarnação é ato redentor pelo qual “a história do homem atingiu, no desígnio do amor de Deus, o seu vértice”¹³³. Mas este ato redentor, que se inicia na Encarnação do Filho de Deus, revela-se em toda a vida de Jesus de Nazaré, e consuma-se na sua glorificação¹³⁴.

A presente Carta Apostólica, promulgada no dia 11 de fevereiro de 1984, na memória litúrgica de Nossa Senhora de Lourdes, é dividida em 31 parágrafos, distribuídos em oito partes que desenvolvem, gradativamente, o seu conteúdo.

A primeira parte é introdutória e explica a necessidade de abordar, constantemente, o tema do sofrimento humano. Enfatiza que o sofrimento, o mal e a morte foram vencidos pelo amor revelado em Cristo, embora continue presente

¹³¹ Cf. Mt 16,24-26.

¹³² Jo 19,30.

¹³³ JOÃO PAULO II. Carta Encíclica. *Redemptor Hominis*. São Paulo: Paulinas, 1990, n.1. Citaremos RH.

¹³⁴ O Jubileu da Redenção teve início no dia 25 de março de 1983, na solenidade da Anunciação do Senhor. Na homília, o Papa fala que a encarnação do Verbo de Deus, “é o sinal em que tem início a Redenção do mundo (*exordia nostrae salutis*), porque já no seio puríssimo da Virgem Maria o Emanuel é o nosso Redentor”. Disponível em: <<http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1983/documents/hf_jp-ii_hom_19830325_apertura-porta-santa.html>>. Acessado: 10/04/2017.

como “um daqueles pontos em que o homem está em certo sentido, ‘destinado’ a superar-se a si mesmo”¹³⁵.

O documento afirma que a Igreja “tem o dever de procurar o encontro com o homem, de modo particular no caminho do seu sofrimento”¹³⁶. Portanto, a *Salvifici Doloris* deve ser lida em chave missionária. Não se trata apenas de especulação ou análise descritiva dos fenômenos que, por vezes misteriosamente, se inserem na vida da pessoa humana, mas um convite à aproximação, à compaixão, ao respeito e a vencer a timidez para encontrar quem está passando pela prova do sofrimento e da dor.

A segunda parte revela que a ciência médica, ao olhar para a dimensão humana do sofrimento, identifica com melhor exatidão a sua dimensão objetiva. Contudo, “o campo do sofrimento humano é muito mais vasto”¹³⁷.

Percorrendo a Sagrada Escritura, que é “um grande livro sobre o sofrimento”¹³⁸, o documento perpassa as situações e os questionamentos vividos pelo homem bíblico e que o interpela acerca do sentido do sofrimento. Ainda na segunda parte, apresenta-se o questionamento acerca da essência do mal, visto que ele está, em certo sentido, inseparável do tema do sofrimento¹³⁹. A sua resposta mantém-se na linha da teologia clássica que, ao proclamar a bondade do Criador e da sua criação, compreende o mal como distanciamento do bem ou como sua distorção.

A terceira parte interroga o porquê, a causa e a finalidade do sofrimento, visto que,

só o homem, ao sofrer, sabe que sofre e se pergunta o porquê; e sofre de um modo humanamente ainda mais profundo se não encontra uma resposta satisfatória. Trata-se de uma pergunta difícil, como é também difícil uma outra muito afim, ou seja, por que o mal no mundo?¹⁴⁰

O personagem Jó é tomado como exemplo. O drama por ele vivido exige uma resposta acerca do sentido do sofrimento. O documento nos convida a refletir sobre a lógica divina, que ultrapassa e contesta a teoria da retribuição dos amigos de Jó,

¹³⁵ SD 2.

¹³⁶ Ibidem, n.3.

¹³⁷ Ibidem, n.5.

¹³⁸ Ibidem.

¹³⁹ Ibidem, n.7.

¹⁴⁰ Ibidem, n.9.

para os quais “o sofrimento como castigo pelo pecado apoia-se na ordem da justiça”¹⁴¹.

É a Deus que Jó vai expressar o seu lamento e esta sua oração será respondida com a epifania de Deus. A resposta ao questionamento acerca do sentido do sofrimento permanece um mistério, mas em parte é apresentada com a proximidade de Deus, expressa nas palavras de Jó, “te conhecia só de ouvir falar, agora meus olhos te viram”¹⁴². Observamos aqui, a necessidade da relação com Deus para encontrar sentido para o mistério do sofrimento.

A quarta parte do documento exalta o dom da salvação que em Cristo o Pai nos deu. Assim, manifesta-se o amor infinito do Pai e do Filho, “tal é o amor para com o homem, o amor pelo ‘mundo’: é o amor salvífico”¹⁴³.

João Paulo II apresenta a atividade messiânica de Jesus como uma nova luz lançada sobre os sofrimentos da humanidade, dando-lhes, assim, esperança e novo sentido.

Na sua atividade messiânica no meio de Israel, Cristo tornou-se incessantemente próximo do mundo do sofrimento humano. “Passou fazendo o bem” e adotava este seu modo de proceder em primeiro lugar para com os que sofriam e os que esperavam ajuda. Curava os doentes, consolava os aflitos, dava de comer aos famintos, libertava os homens da surdez, da cegueira, da lepra, do demônio e de diversas deficiências físicas; por três vezes restituiu mesmo a vida aos mortos. Era sensível a toda a espécie de sofrimento humano, tanto do corpo como da alma. Ao mesmo tempo, ensinava; e no centro do seu ensino propôs as oito bem-aventuranças, que são dirigidas aos homens provados por diversos sofrimentos na vida temporal. Estes são os “pobres em espírito”, “os aflitos”, “os que têm fome e sede de justiça”, “os perseguidos por causa da justiça”, quando os injuriam, os perseguem e, mentindo, dizem toda a espécie de mal contra eles por causa de Cristo... É assim segundo São Mateus; e São Lucas menciona ainda explicitamente aqueles “que agora têm fome”.¹⁴⁴

Lemos ainda que o amor expresso na cruz é salvífico, o sofrimento do Filho é salvífico, porque tem o sentido e a eficácia da salvação. Portanto, é preciso repropor a pergunta acerca do sentido do sofrimento e dizer que o sofrimento foi associado ao amor, amor que cria o bem, mesmo tirando-o do mal, como a Ressurreição, da Cruz.¹⁴⁵

¹⁴¹ SD, n.10.

¹⁴² Jó 42,5.

¹⁴³ SD n.14.

¹⁴⁴ SD, n.16.

¹⁴⁵ Cf. SD, n.18.

A quinta parte do documento perpassa, com o auxílio das Sagradas Escrituras, sobretudo com o auxílio das Cartas paulinas, a relação do cristão com o sofrimento, revelando que, com a Paixão de Cristo, o sofrimento humano encontra-se numa nova situação, porque “Cristo elevou ao mesmo tempo o sofrimento humano ao nível da Redenção. Por isso, todos os homens, com o seu sofrimento, se podem tornar também participantes do sofrimento redentor de Cristo”¹⁴⁶. João Paulo II reconhece que o sofrimento é, por vezes, uma dura provação, porém ele não é capaz de tirar a dignidade própria do homem¹⁴⁷.

A sexta parte ratifica que o sofrimento de Cristo foi um ato de obediência ao Pai por amor e pela salvação da humanidade inteira,¹⁴⁸ e esse é o motivo pelo qual o sofrimento não é apenas um tema presente na pregação do Evangelho, mas está intrinsecamente ligado à missão da Igreja.

João Paulo II apresenta o sofrimento como um mal, contudo faz a leitura da realidade pela perspectiva da fé.

Com o seu sofrimento na Cruz, Cristo atingiu as próprias raízes do mal: as raízes do pecado e da morte. Ele venceu o autor do mal, que é Satanás com a sua permanente rebelião contra o Criador. Perante o irmão ou a irmã que sofrem, Cristo abre e descobre gradualmente os horizontes do reino de Deus (...). De fato, o sofrimento não pode ser transformado e mudado por uma graça que aja do exterior, mas sim por uma graça interior. Cristo, mediante o seu próprio sofrimento salvífico, encontra-se bem dentro de cada sofrimento humano e pode, assim, atuar a partir do interior do mesmo, pelo poder do seu Espírito de verdade, do seu Espírito consolador.¹⁴⁹

A Carta Apostólica *Salvifici Doloris* não é destinada apenas a quem está sofrendo, mas a todos, porque todos são chamados a unir-se a Cristo e a acolher o seu amor redentor. Assim, na sétima parte, apresenta a parábola do bom samaritano, e aprofunda um aspecto importante da antropologia cristã, que é a necessidade do dom sincero de si para poder encontrar a própria realização.

O documento apresenta o Evangelho como suprema “negação de passividade diante do sofrimento”¹⁵⁰. Portanto, seguir os passos de Jesus é tornar-se, como Ele, misericordioso.

¹⁴⁶ Ibidem, n.19.

¹⁴⁷ Ibidem, n.23.

¹⁴⁸ Cf. Ibidem, n.25.

¹⁴⁹ Ibidem, n.26

¹⁵⁰ SD, n.30.

O mundo do sofrimento humano almeja, sem cessar, por assim dizer, outro mundo diverso: o mundo do amor humano; e aquele amor desinteressado que vem do coração e transparece nas ações da pessoa que sofre; amor que esta deve, aliás, em certo sentido ao sofrimento. O homem que é o “próximo” não pode passar com indiferença diante do sofrimento de outrem; e isso, por motivo da solidariedade humana fundamental e em nome do amor ao próximo. Deve “parar”, “deixar-se comover”, como fez o Samaritano da parábola evangélica.¹⁵¹

Na conclusão, que é a última parte do documento, embora reconheça o aspecto dramático de todo sofrimento humano, João Paulo II conclui expressando o seu desejo de que, tantos quantos sofrem, se tornem uma fonte de força para a Igreja e para a humanidade.

3.3. Conclusão do capítulo

A vida de Viktor E. Frankl e de João Paulo II testemunha que, de fato, estamos diante de dois homens profundamente marcados pelo sofrimento e pela esperança. Ambos conheceram sistemas políticos totalitários, ambos experimentaram o horror da guerra e também, ambos conheceram o poder de reconstrução que existe na fé, no amor e na solidariedade. Há outros elementos que aproxima os seus pensamentos, seja a antropologia filosófica de Max Scheler, seja a grande preocupação com o futuro da humanidade, seja a esperança na capacidade de bem do ser humano; capacidade que brota da sua ligação intrínseca com o seu Criador.

O caminho proposto por ambos para a descoberta do sentido do sofrimento, portanto, não parte de uma análise teórica da condição humana, mas se fundamenta na experiência pessoal de cada um. Dessa forma, suas respostas ao problema do sofrimento tornam-se eloquentes e dignas de serem aprofundadas, ensinadas e seguidas pelos homens e mulheres contemporâneos.

¹⁵¹ Ibidem, n.29.